



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: estudo de caso pelo olhar de profissionais da educação infantil na região de Bento Gonçalves/RS

Eduarda Rippel Vieira¹

Janine Trevisan²

RESUMO

Diante de inquietações a respeito do tema, e evidenciada a necessidade de os docentes compreenderem melhor sobre a temática da sexualidade na educação infantil, surgiu o interesse para o desenvolvimento do trabalho, o qual tem por objetivo principal compreender de que forma os profissionais da educação agem com as crianças diante do tema da sexualidade na educação infantil. Para atender ao objetivo, o presente artigo tem como metodologia o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, e é composto por um referencial teórico embasado por Schindhelm (2011), Gil (2002), Staub (2015), Scott (1995), dentre outros. Foram realizadas entrevistas com duas professoras que atuam em escolas com contextos diferentes, situadas na mesma região. A análise das entrevistas foi entrelaçada com a revisão bibliográfica. Como resultado, foi possível aprofundar o debate e perceber a abrangência da sexualidade e as diferentes concepções sobre a temática. Conclui-se a necessidade de continuar explorando o assunto, não somente com professores e equipe diretiva, mas com os pais e responsáveis também, ajudando a desmistificar tabus.

Palavras-chave: Sexualidade. Infância. Educação.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é um tema abrangente e complexo, sendo ainda alvo de tabus, preconceitos e de construções sociais diversas. Na atualidade, quando relacionado à infância, o tema é mais difícil de ser debatido, mas é importante destacar que a sexualidade está presente desde o nascimento e o diálogo e informação às crianças

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves. E-mail: dudarippel@hotmail.com

2 Professora Orientadora. Docente no curso de Pedagogia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: janine.trevisan@bento.ifrs.edu.br

é muito importante.

É necessário que se compreenda os diferentes comportamentos e reações apresentadas pelos profissionais que convivem com as crianças, a maneira como vêem este assunto e como reagem diante de manifestações da sexualidade na infância. Segundo Graupmann e Staub (2015) também se percebe que é de grande relevância um conhecimento teórico mais aprofundado sobre sexualidade infantil para evitar inadequações na condução e diálogo desses comportamentos, que são da natureza humana.

Além da necessidade de os docentes compreenderem melhor sobre o tema, o que motiva o interesse pela temática do artigo é a influência de minha mãe que é psicóloga e sempre debateu sobre o assunto em casa e por meio de palestras em escolas. Outro motivo forte também foram as inquietações que surgiram ao longo de minhas experiências profissionais, desde o início do curso já sabia que este seria o tema do meu trabalho de conclusão.

Apontada essa necessidade, o presente trabalho de conclusão do curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia do IFRS, campus Bento Gonçalves, busca problematizar a questão central: De que forma os profissionais da educação agem com as crianças diante do tema da sexualidade na educação infantil? Tendo como complementares: Quais situações esses profissionais já experienciaram sobre o tema? Como eles se comportam diante dessas situações de manifestação da sexualidade?

Para responder à essas questões, o presente artigo apresenta os resultados da pesquisa que buscou compreender como os profissionais da educação infantil lidam com a sexualidade nesta etapa da vida das crianças. Tendo como objetivos específicos, identificar situações envolvendo a sexualidade infantil experienciadas pelos profissionais da educação infantil; mapear os diferentes comportamentos e reações dos profissionais da educação infantil relacionados à sexualidade infantil; compreender as diferentes concepções sobre sexualidade infantil; fazer levantamento das demandas e manifestações que profissionais recebem dos pais acerca da sexualidade infantil.

Para atender aos objetivos foi realizado um estudo de caso. O presente artigo apresenta uma explicação sobre a metodologia que foi utilizada como base para que

acontecesse este trabalho e a revisão bibliográfica a respeito do tema foi entrelaçada com as análises estabelecidas com as participantes da pesquisa, na sequência são evidenciadas as considerações finais.

2 O CAMINHO PERCORRIDO

Para atingir os objetivos do trabalho, foi realizado um estudo de caso com duas escolas da região, uma pública e outra privada católica. De acordo com Gil (2002, p. 41), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, visando torná-lo mais explícito, sendo seu principal objetivo o de aprimorar as ideias ou a descobrir intuições.

Os estudos bibliográficos realizados foram tecidos com o estudo de campo e serão apresentados ao longo das análises. O referencial teórico apoiou-se em autores como Schindhelm (2011), Gil (2002), Staub (2015), Scott (1995), entre outros, e o estudo de campo se deu pela realização de duas entrevistas em profundidade semiestruturadas utilizando um roteiro norteador.

Referente à entrevista, Bourdieu (1997) diz que o entrevistador é quem estabelece as regras. Deve-se ter um certo cuidado para que o entrevistado não se sinta excluído e acabe se sentindo numa posição inferior ao entrevistador. Ele também afirma que a proximidade social entre entrevistador e entrevistado pode gerar uma influência na pesquisa. O entrevistador pode obter maior distanciamento do entrevistado, pelo tom, pela postura e principalmente pelo conteúdo de suas perguntas. Se houver formalidade demais, pode gerar algum tipo de desconforto.

De acordo com Bartlett; Vavrus (2017), devemos estar cientes de que alguns estudos podem ser mais pré-estruturados do que outros. O grau de flexibilidade dependerá dos objetivos do estudo, das motivações, habilidades e interesses do pesquisador e do tempo e dos recursos disponíveis, entre outros fatores.

Optou-se por escolher duas entrevistadas, professoras regentes, que atuam na educação infantil e trabalham em escolas com contextos diferentes. Uma escola municipal de educação infantil e a outra, uma escola privada de cunho católico que atende alunos desde a educação infantil até o ensino médio. Ambas estão situadas na região de Bento Gonçalves-RS. Antes de participarem da pesquisa, buscando um

compromisso ético, foi esclarecido para as professoras os objetivos da mesma e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após o aceite e autorização das participantes, a entrevista foi realizada e gravada com intuito de auxiliar nas análises.

2.1. Quem são as professoras participantes

Uma das profissionais entrevistadas foi Juliana³, que tem 22 anos de idade. Ela cursou o magistério concomitantemente com o ensino médio e atualmente é estudante de psicologia. Juliana atua como professora há dois anos e teve somente experiências na educação infantil. No momento trabalha em uma escola municipal de educação infantil com turma de maternal composta por crianças de três a quatro anos de idade.

A outra entrevistada, Carolina⁴, tem 31 anos de idade e é formada em pedagogia há cinco anos, já possuindo experiência na área da educação infantil há oito anos. Carolina trabalha em uma escola privada católica há três anos e atualmente é professora regente de uma turma de maternal com alunos de três a quatro anos de idade.

3 SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

3.1. Conversando sobre o tema

A sexualidade, entendida a partir de um enfoque amplo e abrangente, manifesta-se em todas as fases da vida de um ser humano e, ao contrário da conceituação vulgar, tem na genitalidade apenas um dos seus aspectos, talvez nem mesmo o mais importante. Dentro de um contexto mais amplo, pode-se considerar que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento até a morte. (CONCEIÇÃO; VITIELLO 1993).

Ao contrário do que muitos acreditam, de que abordar questões sobre

³ Para garantir o anonimato na pesquisa a professora não foi identificada, sendo este nome fictício.

⁴ Para garantir o anonimato na pesquisa a professora não foi identificada, sendo este nome fictício.

sexualidade esteja restrito a momentos específicos da vida, o que se verifica é que, a sexualidade se faz presente em todos os momentos. Ela se apresenta de diversas formas e serve como porta de entrada para outros temas, auxiliando a construir hierarquias a respeito de indivíduos, povos, religião e classe social. (SEFFNER apud PINHO, 2003).

Odessa (2016) relata que a criança não experimenta a vida sexual da mesma forma que o adulto, que alcança seu ápice e seu objetivo no ato sexual. A pulsão sexual do adulto é muito mais complexa, pois é composta por diversos elementos e passa por grandes transformações até chegar à puberdade. É possível identificar os componentes dessa pulsão nos primeiros meses de vida do bebê. Tudo isso está relacionado aos sentimentos de prazer e desprazer. Com o desenvolvimento, excitam-se as zonas erógenas do próprio corpo: boca, anus, genitais etc. Há uma grande sensação de prazer com a alimentação, o ato de sugar na amamentação e a excreção.

Referente à sexualidade, foi indagado às participantes da pesquisa suas compreensões sobre o assunto. Para Juliana (escola municipal), a sexualidade infantil é a forma que as crianças têm de se comunicarem e de se descobrirem, não deve ser visto como sexualização, mas uma forma de conhecerem seus corpos. Quando questionada sobre sua reação ao presenciar alguma manifestação de sexualidade entre seus alunos, Juliana, 22 disse:

Na maioria das vezes eu acho outra distração, pra não brigar, porque eu acho realmente que não vale a pena brigar mas na escola é ruim porque tem outras crianças, outras visões e outros pais, então imagina uma criança chegar em casa e contar para os pais que o coleguinha estava com a mão no pinto. Então eu digo: vamos fazer outra coisa, vamos brincar lá fora.

A partir deste depoimento, nota-se que a professora entende que não é um motivo para brigar, porém, tenta buscar uma distração para a criança porque não tem claro o que deve ser feito e falado no momento, pois sente receio da reação dos colegas e dos responsáveis. Porém, quando questionada se as demais crianças da turma percebem essas manifestações ela diz que não, que chama atenção dos adultos. Nesta fala observa-se que ela não precisaria sentir receio quanto à reação dos colegas, pois, como ela mesma relata, eles nem percebem.

A sexualização, na opinião de Borges (2007) pode ser vista como uma mercadoria de alta potencialidade que deve ser incorporada ao universo infantil, como são revistas, filmes, produtos de beleza, roupas e que aparecem neste processo de

sexualização das crianças. Considerando-se esse circuito de sexualização e consumo, não é surpreendente que a programação da televisão em geral, filmes, publicações impressas, publicidade, tenham forte ênfase nos conteúdos referentes à sexualidade.

Para Carolina (escola particular), a sexualidade deve ser tratada com naturalidade, mas as crianças devem receber a orientação, proveniente da família e da escola, de não mostrar e não tocar em seus órgãos genitais na frente das pessoas. A entrevista permite olhar além das simples respostas, observando as expressões e manifestações até mesmo corporais das participantes. Diante disso, é importante salientar que no início da entrevista, a pesquisadora questionou as participantes sobre se sentirem confortáveis em falar sobre a temática, momento em que ambas relataram não ter problemas em abordar o assunto, por ser algo natural do ser humano. Entretanto, logo na primeira parte da entrevista já se notou um certo constrangimento das professoras em relação ao assunto, através da expressão corporal, por algumas falas contraditórias e até mesmo pelo pouco conhecimento sobre a temática. Mesmo elas dizendo não se sentirem constrangidas ao falar do tema.

3.2 A sexualidade na escola

Bueno e Moizes (2007) apontam que por este assunto ter sido velado por muito tempo, os resultados são concepções de sexualidade errôneas, relacionadas à obscenidade, a algo sujo, pecaminoso e proibido. Negou-se aos jovens a orientação sexual, dificultando as instruções necessárias à promoção da saúde sexual das pessoas. Todos os seres humanos devem ser considerados “seres sexuais”, portanto devem ter acesso a material informativo sobre a sexualidade e dispor de bibliografia adequada à idade em que se encontram. Neste sentido, a escola precisa assumir o trabalho de educação sexual, mas não para repreendê-la e sim para mudar visões distorcidas ou negadas a respeito da sexualidade.

No diálogo estabelecido com as professoras, foi questionado como elas observam as questões de sexualidade na escola. Carolina (escola particular) relatou, logo no início da conversa, que alguns dias antes da entrevista aconteceu algo curioso, um aluno disse que “a colega mostrou a perereca para a outra”. A

professora conta que não disse nada no momento e só observou para ver se isso iria acontecer novamente, também perguntou se a mãe da menina tinha visto algo em casa, a mãe disse que não e ela orientou que mantivessem a observação.

Por meio deste comentário pode-se perceber que, como a professora precisou questionar a mãe da criança, observa-se que o assunto não é tratado com naturalidade, pois, se fosse visto como algo natural, não seria necessário este questionamento à mãe.

Juliana diz que eles parecem ter muita curiosidade nas partes íntimas uns dos outros, mas ela acredita que isso se dá porque os pais escondem seus corpos de seus próprios filhos. Ela relata: “Tipo, eu tenho um filho homem, ele não pode ver meus seios, mesmo que quando ele for mais velho vai esquecer”.

Para Conceição e Vitiello (1993, p. 49)

O momento do desenvolvimento da sexualidade que compreende o conhecimento dos órgãos sexuais, coincide com a retirada das fraldas e sofre grande interferência da educação repressora. A família e a escola, muitas vezes, se encarregam de comunicar à criança todo o pecado que há nesta parte do corpo e que o prazer desta região não é aceito pelos adultos. O reforço é dado pela vergonha que o adulto demonstra em relação aos seus próprios órgãos genitais.

Para Schindhelm (2011) a infância nem sempre foi vista da mesma maneira, a sexualidade também é uma construção social definida por marcas culturais impressas antes mesmo da concepção de um bebê. Supondo o desejo de um casal de ter um filho, a sexualidade mostra-se presente desde a experiência sexual para fecundar o embrião, passando pelo imaginário dos pais acerca do gênero desta criança e pelas construções afetivas destinadas a este futuro bebê.

Para Carolina (escola particular), a sexualidade infantil é a fase da descoberta das crianças, elas estão explorando e descobrindo diferentes sensações. Ela relatou que tem um aluno (que apresenta dificuldades cognitivas e de socialização) que frequentemente está com a mão em seu órgão genital e a respeito disso ela relata:

O Júlio (nome fictício) estava com o pinto pra fora, eu não disse pra ele assim: Não! para! Eu cheguei nele e disse assim, tu faz isso na tua casa, tá? Agora tu guarda, aqui não é o lugar, tem os colegas, ninguém pode ver, se quiser mexer mexe na tua casa. Porque eu acho que quando tu poda isso reflete lá na frente.

Através da fala da professora, percebe-se que ela destaca a importância de não podar a criança, pois isso refletirá no futuro, mas por outro lado, analisando sua fala, quando diz: “Agora tu guarda, aqui não é o lugar, ninguém pode ver.” É uma forma de podar. Ela não explica porque ali não é o lugar e nem porque ninguém pode ver. Isso pode se tornar confuso para a criança. A parte em que ela diz: “ninguém pode ver”. Quando questionada se as demais crianças da turma percebem o que o menino costuma fazer, ela diz que nunca percebeu ninguém olhando.

Durante a entrevista com Juliana (escola municipal) surgiu o assunto sobre divisão de banheiros. Na opinião de Juliana essa divisão que inicia cedo instiga o “proibido”. Sobre sua experiência na escola, ela diz que as crianças tentam ver e às vezes tocar nas partes íntimas umas das outras e em especial dois alunos, um menino e uma menina, que costumam colocar a mão por cima da roupa um do outro. Novamente, quando questionada se os demais colegas percebem isso ela diz que não.

Observa-se nos discursos a produção social do pudor e de algo proibido, bem como a divisão por gênero. O conceito de identidade deve ser tomado como algo impresso pela cultura, na medida em que as identidades são nomeadas a partir de um determinado contexto, e as expectativas que se criam em torno delas, como por exemplo ser homem ou mulher, ser homo ou heterossexual. Desta forma, é possível afirmar que nossas identidades são constituídas culturalmente e estão fortemente vinculadas às práticas sociais (FELIPE, 2006).

Scott (1995) diz que gênero é a categoria que indica por meio de desinências uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas. Há gêneros masculino, feminino e neutro. A autora aponta que o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O “gênero” sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos se centrava sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico.

De acordo com Jane Felipe (2000):

Pode-se perceber o quanto as meninas e as mulheres deveriam ser comedidas e recatadas, não podendo manifestar alegria ou espontaneidade. Ao contrário, deveriam dissimular seus sentimentos, parecendo a tudo consentir. O controle sobre o sexo feminino era exercido de forma rigorosa, exigindo um comportamento de maior recato e pudor em comparação ao homem.

Durante a entrevista, questionou-se sobre como a escola trata a temática. A direção da escola em que Juliana (escola municipal) trabalha prefere não falar sobre o tema, mas ao presenciarem alguma manifestação de sexualidade entre crianças geralmente usam as frases: “não toca aí!” e “isso é feio”. A partir deste relato pode-se perceber a ausência de debate sobre o tema na escola e, por isso o desconhecimento sobre o assunto. A respeito da direção da escola em que Carolina (escola particular) atua, principalmente por ser católica, apresenta receio em falar no assunto. Carolina diz que: “tentam camuflar e fingem que não veem”. Ela relatou que já precisou conversar com a coordenadora da escola sobre o assunto e foi orientada a falar com a família sobre o acontecimento. A orientação da escola sempre é conversar com a família para falar o que está acontecendo na escola e questionar se o mesmo acontece em casa. Observa-se que a escola retira a responsabilidade de tratar sobre o tema e entende que essa obrigação é apenas da família.

Sobre essa questão, Seffner (2014), chama a atenção que, no geral, as religiões manifestam grande preocupação com a sexualidade. Importante lembrar que a escola pública é um ambiente público, e deve se reger pela laicidade.

Os pais, na maioria das vezes em que são chamados para conversar sobre o tema, demonstram estar assustados. Carolina (escola particular) disse que parece que se perguntam: “Onde foi que eu errei?”, como se fosse algo muito preocupante. Falou também que suas colegas de profissão demonstram receio ao falar sobre o assunto, o qual não é tratado com naturalidade.

Geralmente os pais e educadores costumam reagir diante das manifestações sexuais das crianças a partir de sua própria história de educação sexual, isto é, a partir de seus valores pessoais sobre o modo como foi construída a sua sexualidade e não costumam se basear em reflexões que lhes permitam separar o direito das crianças de receber esclarecimentos sobre suas próprias dificuldades pessoais no assunto (MAIA; SPAZIANI, 2010).

Referente à formação dos docentes sobre a temática, as duas entrevistadas compartilharam da mesma opinião de que a formação de professores na área de

sexualidade é algo de extrema importância. Na opinião da professora Carolina (escola particular), as escolas deveriam deixar a BNCC, que não apresenta nenhum foco na sexualidade, um pouco de lado e começar a abordar este tema. Ela também disse que o papel da escola não deve ser somente ensinar conteúdos. As escolas em que ela trabalhou nunca abordaram o tema.

No diálogo estabelecido, foi possível perceber que nem todas as educadoras são preparadas para lidar com a temática. Juliana (escola municipal) falou sobre uma colega de profissão que trabalha com berçário, relatando que já presenciou uma cena desta colega trocando a fralda de uma criança e repreendendo-a, pois, ela estava tocando sua genitália. Ela disse que em sua opinião a formação continuada na área seria muito importante para lidar com alunos de todas as idades e que os professores deveriam entender que isso é normal, que faz parte da fase em que a criança está. A professora acredita que grande parte das professoras e pais teriam um estranhamento e se sentiriam constrangidos ao falar sobre o tema.

Em relação a formação sobre a temática, Saballa e Guizzo (2016, p. 192) destacam que:

Desse modo, atentos à importância da discussão das questões de gênero e sexualidade desde a primeira infância, partimos da compreensão de que as políticas públicas e as curriculares têm um papel importante no que diz respeito ao processo de formação de professores (as) que tenham como meta a igualdade de gênero e a extinção de práticas sexistas. Enquanto pesquisadores envolvidos com o campo da Educação Infantil e da formação de professores (as) para atuar em tal etapa educacional, temos percebido que no currículo praticado nas escolas que atendem crianças de zero a cinco anos de idade, normalmente age-se como se gênero e sexualidade não existissem.

Geralmente, as escolas costumam chamar pessoas de fora para falar sobre estes temas. Claro que é importante ouvir a opinião de especialistas, mas não é bom transmitir a ideia de que as professoras não entendem sobre o assunto. O mais adequado é que as professoras se dediquem aos temas do gênero e da sexualidade, fazendo formação, e atuando junto às classes de alunos nestes temas, bem como dialogando com os convidados trazidos em momentos especiais. Mas é claro que isso depende das mantenedoras, que precisariam fornecer ocasiões de formação aos docentes. (SEFFNER, 2014).

Foi possível identificar nas duas entrevistas a preocupação que as duas

professoras apresentaram em relação a possíveis abusos sexuais que as crianças podem sofrer. Carolina (escola particular) diz que “estamos inseridos numa cultura muito sexualizada e que cada indivíduo tem o direito de saber o que faz com seu corpo, mas ninguém tem o direito de mexer em seu corpo sem permissão. ”

Por fim, Juliana disse que acha importante alertar as crianças, falando abertamente sobre os lugares em que podem ser tocadas e os lugares que não devem permitir serem tocadas. A professora salientou que: “Devemos deixar claro para as crianças que podem sim aceitar carinho, cumprimentar as pessoas, porém, em algumas regiões do corpo como, principalmente nas partes íntimas, não podem permitir o toque de outras pessoas. ”

Para Yano e Ribeiro (2011) muitas vezes, os adultos ignoram a questão da sexualidade infantil e acabam tornando acessível à criança um ambiente erotizado. Desse modo, impõem um padrão de comportamento na percepção da sexualidade adulta. Este tipo de ambiente pode gerar incômodos à criança e, num dado contexto, podem configurar uma forma de violência contra ela. A criança mal informada torna-se mais suscetível a aliciamentos de adultos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal do trabalho, de compreender como os profissionais da educação infantil lidam com a sexualidade nesta etapa da vida das crianças foi cumprido. Pôde-se perceber que o tema é pouco debatido nas escolas e que os profissionais não recebem capacitação para lidar com o assunto. Por outro lado, as professoras entrevistadas demonstraram interesse em conhecer mais sobre o tema. Quando a temática é trabalhada, os tabus são derrubados e fica muito mais fácil lidar com as situações que vão aparecendo.

Quanto às demandas e manifestações que profissionais recebem dos pais acerca da sexualidade infantil, as professoras relataram que nunca receberam este tipo de demanda.

Durante as entrevistas realizadas surgiram outros assuntos relacionados à sexualidade infantil. Nas duas entrevistas apareceram questões de gênero, sexualização e a preocupação que as duas professoras demonstraram em instruir as

crianças para que cuidem de seus corpos e que se protejam. É interessante que se faça uma abordagem apropriada para cada faixa etária, falando sobre o assunto de forma clara. Destacando que o corpo é algo íntimo e só pode ser tocado se houver permissão. É necessário conversar com a criança sobre o que é uma demonstração de carinho e o que pode ser invasivo ou desconfortável. Pois compreendendo tudo isso, a criança estará informada e será capaz se proteger.

Outro ponto que também surgiu no relato das professoras foi o fato de se dizerem confortáveis ao debater a temática, mas não foi o que apareceu em suas respostas e em algumas falas específicas. A cultura em que estamos inseridos pode influenciar este tipo de comportamento.

Em alguns momentos as professoras se contradisseram, como na fala de uma delas que disse que devemos ensinar às crianças os nomes corretos dos órgãos genitais, porém ela mesma utiliza apelidos para se referir a essas partes.

A respeito do tema religioso, existem vários elementos importantes que devem ser analisados. Como estamos inseridos numa região onde predomina o Cristianismo percebo que o tabu ao redor da sexualidade se torna maior ainda. A sexualidade não costuma ser debatida pois traz uma única finalidade que é a reprodução. Por isso não percebi grandes diferenças quanto à forma de lidar com a temática na escola católica e na escola laica. Ambas apresentam funcionamento similar, celebrando datas religiosas e o fato de estarem em uma região de grande preponderância de religiões cristãs, católica em grande maioria, mas também evangélica. Como a religião não foi o foco do trabalho, o assunto não foi aprofundado, porém destaca-se a importância de futuros estudos relacionados ao tema da sexualidade e a influência que a religião exerce sobre ele.

Algo que chamou bastante minha atenção também, foi quando a professora Carolina, da rede particular diz que a orientação da escola é conversar com os pais ou responsáveis quando as professoras percebem alguma manifestação de sexualidade de alguma criança ou até manifestações entre as crianças. Essa atitude da escola demonstra a não naturalidade para lidar com o tema, pois, se tratassem como algo natural não seria necessário este contato com os pais.

Por fim, salienta-se a necessidade de desenvolver mais este tema nas escolas. Não somente com os professores e equipe diretiva, mas com os pais e responsáveis

também. Seria muito importante que fossem realizados debates, rodas de conversa, para que todos pudessem deixar suas opiniões e desmistificar muitos tabus.

REFERÊNCIAS

BARTLETT, Lesley ; VAVRUS, Frances. Comparative Case Studies. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 3, p. 899–920, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/DKbTxRWrsV8ghQnCVcBkbnM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28 nov 2021.

BORGES, Eliane Medeiros. Corpo, espetáculo e consumo: novas configurações midiáticas para a infância. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. **Mídia e Jornalismo**. Disponível em: <<http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/04/n11-05-eliane-borges.pdf>>. Acesso em 07 jan 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CONCEIÇÃO, Isméri Seixas Cheque; VITIELLO, Nelson. Manifestações da Sexualidade das Diferentes Fases da Vida. **R.B.S.H.** 4(1):1993. Disponível em: < https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/843/739 >. Acesso em: 21 nov 2021.

FELIPE, Jane. Infância, Gênero e Sexualidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 1, 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/48688/30332>>. Acesso em: 28 dez 2021.

FELIPE, Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 2, n. 3, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2490/1604#>>. Acesso em: 28 dez 2021.

Gil, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

MOIZÉS, Julieta Seixas ; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 1, p. 205–212, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/BJ3BDnLmv6mdcKGvgtyGSWt/?lang=pt>>. Acesso em: 21 nov 2021.

ODESSA, M. Wulff. Contribuições para a sexualidade infantil. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 19, n. 3, p. 512–526, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/LL6CPZTsxzxDmV6cBw5QNNN/?lang=pt>>. Acesso em: 21 nov 2021.

SABALLA, Rodrigo de Carvalho; GUIZZO Bianca Salazar. Políticas curriculares de educação infantil: um olhar para as interfaces entre gênero, sexualidade e escola. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.25, n. 45, p. 191-201, jan/abr. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/2294/1600>>. Acesso em: 28 dez 2021.

SCHINDHELM, Virginia Georg. A sexualidade na educação infantil. **Revista Aleph** Dez 2011-Ano V-Número 16. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39056/22494>>. Acesso em: 27 nov 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade** jul/dez 1995. Disponível em: <file:///D:/Usuario/Downloads/109975-58933-1-SM.pdf>. Acesso em: 07 jan 2022.

SEFFNER, Fernando. Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar? **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 17, n. 2, p. 67-81, Maio/Agosto 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/27750/pdf_55>. Acesso em: 28 dez 2021.

SPAZIANI, Raquel Baptista; MAIA Ana Cláudia Bortolozzi. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**, v. 11, n. 01, p. 68–84, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2017>>. Acesso em: 28 nov 2021.

STAUB, Fabiana Roberta Barreto Bonfim; GRAUPMANN, Edilene Hatschbach. Educação infantil: uma abordagem sobre a sexualidade. [s.l.]: , 2015. **EDUCERE XII Congresso Nacional de Educação**. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19270_8884.pdf>. Acesso em: 28 nov 2021.

YANO, Karen Murakami ; RIBEIRO, Moneda Oliveira. O desenvolvimento da sexualidade de crianças em situação de risco. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 6, p. 1315–1322, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/QLDfCJXdFQ9rz7X5jZsNXqd/?lang=pt>>. Acesso em: 28 dez 2021.